# antologias universais

## O BEBEDOR NOCTURNO



PORTUGÁLIA

Versões de

**Herberto Helder**

*Poemas do Antigo Egipto * Psaltério * Cântico dos Cânticos * Poesia Maya * Enigmas Aztecas * Poesia Mexicana do Ciclo Nauatle * Hino Órfico à Noite * Três Canções do Épiro * Poemas Zen * O Mistério de Ameigen * Oração Mágica Finlandesa * Canção Escocesa * Quatro Poemas Árabes * Poemas Arábico-Andaluzes * Canções de Camponeses do Japão * Quinze Haikais Japoneses * Poemas Indochineses * Canções Indonésias * Canção da Cabília * Canções Malgaxes * Canção Tártara * Cinco Poemas Esquimós * Poemas dos Peles-Vermelhas*

*ANTOLOGIAS UNIVERSAIS*

POESIA | VIII

# O BEBEDOR NOCTURNO

Capa de João da Câmara Leme

ANTOLOGIAS UNIVERSAIS

CONTO

I — *Os Melhores Contos Americanos. I*
II — *Os Melhores Contos Portugueses. I*
III — *Os Melhores Contos Ingleses*
IV — *Os Melhores Contos Franceses*
V — *Os Melhores Contos Portugueses. II*
VI — *Mestres do Conto Policial. I*
VII — *Os Melhores Contos Indianos*
VIII — *Histórias Fantásticas*
IX — *Os Melhores Contos Americanos. II*
X — *Novelas e Contos Espanhóis*
XI — *Os Melhores Contos da Língua Alemã*
XII — *Contos do Brasil*
XIII — *Modernos Contistas Franceses*
XIV — *Mestres do Conto Indiano*
XV — *Mestres do Conto Italiano*
XVI — *Os Melhores Contos Catalães*
XVII — *Mestres do Conto Policial. II*
XVIII — *Contos Húngaros*
XIX — *Mestres do Conto Eslavo*
XX — *Os Melhores Contos Portugueses. III*
XXI — *Os Melhores Contos Suecos*
XXII — *Os Mais Belos Contos de Amor da Literatura de Língua Portuguesa. I*

NOVELA

I — *5 Obras-Primas da Novela Universal*
II — *5 Obras-Primas da Novela Contemporânea*
III — *As Novelas de Camilo*

POESIA

I — *As Melhores Poesias Brasileiras* (esgot.)
II — *Líricas Portuguesas. I*
III — *Líricas Portuguesas. II*
IV — *Líricas Brasileiras*
V — *Líricas Portuguesas. III*
VI — *Poesia Espanhola do Após-Guerra*
VII — *A Saudade na Poesia Portuguesa*
VIII — *O Bebedor Nocturno* (Versões de Herberto Helder)

TEATRO

I — *Teatro de Oscar Wilde*
II — *Teatro de Gil Vicente*

VIAGENS

I — *As Grandes Viagens Portuguesas.* I
II — *As Grandes Viagens Portuguesas.* II

HISTÓRIA

I — *As Crónicas de Fernão Lopes*

ENSAIO

I — *Prosa Doutrinal de Autores Portugueses.* I
II — *Prosa Doutrinal de Autores Portugueses.* II (António Sérgio)

VÁRIA

I — *Perspectivas dos Estados Unidos*
II — *O Mundo do Toureio na Literatura de Língua Portuguesa*

# O BEBEDOR NOCTURNO

Versões de

HERBERTO HELDER



*PORTUGÁLIA EDITORA | LISBOA*

*Já me aconteceu imaginar a vida acrobática e centrífuga de um poliglota. Suponho o seu dia-a-dia animado de um ininterrupto movimento de deslocações, transmutações, permutas e exaltantes caçadas de equivalências, sob o signo da afinidade. Vive das significações suspensas, da fascinação dos sons que convergem e divergem — e há nele, decerto, um desespero surdo, pois que na desunião dos idiomas busca a unidade improvável. Multiplicando as operações de propiciação da unidade, ele caminha irradiantemente para a dispersão. Descentraliza-se. Existe em estado de Babel. O seu pensamento, partindo do hebraico, dá um salto quase místico no latim e cai de cabeça para baixo no grego antigo. É um aventureiro completamente perdido, o meu poliglota cheio de malícias linguísticas. Faz disparates destes: verte de nauatle para esquimó, emocionando-se em banto e pensando em chinês, um texto que o interessou por qualquer ressonância árabe. Também pega na palavra* cravo *e tradu-la para quinze línguas. O cravo é cada vez menos cravo. É uma colorida e abstracta proli-*

*feração sonora. Então, ele junta ao cravo aramaico o adjectivo turco* branco. *Encontra-se, neste momento, em plena vertigem paranóica--idiomática. É um perfeito irrealista — e eu amo-o, a distância.*

*Quanto a mim, não sei línguas. Trata-se da minha vantagem. Permite-me verter poesia do Antigo Egipto, desconhecendo o idioma, para o português. Pego no* Livro dos Mortos, *em inglês ou francês, como se fosse um poema inglês ou francês, e, ousando, ouso não só um poema português como também, e sobretudo, um poema meu. Versão indirecta, diz alguém. Recriação pessoal, diz alguém. Diletantismo ocioso, diz alguém. Não digo nada, eu. Se dissesse, diria: prazer. O meu prazer é assim: deambulatório, ao acaso, por súbito amor, projectivo. Não tenho direito algum de garantir que os textos deste livro são traduções. Diria: são explosões velozmente laboriosas. O meu labor consiste em fazer com que eu próprio ajuste cada vez mais, ao meu gosto pessoal, o clima geral do poema já português: a temperatura da imagem, a velocidade do ritmo,*



*a saturação atmosférica do vocábulo, a pressão do adjectivo sobre o substantivo.*

*Uma pessoa pergunta: e a fidelidade? Não me sinto infiel. É que procuro construir o poema português pelo sentido emocional, mental, linguístico que eu tinha, sub-repticiamente, ao lê-lo em inglês, francês, italiano ou espanhol. Como fidelidade, convenhamos, é bizarramente pessoal. Mas não há fidelidade que não seja pessoal. A não ser, claro, a ainda mais bizarra fidelidade gramatical que, de tão impessoal, não pode ser fidelidade. Alain Bosquet, algures, prevenia as pessoas contra essa espécie de fidelidade. Ele não levantava sérias reservas ao facto de se traduzir um poema húngaro desconhecendo o húngaro, e dizia: faça-se um poema francês (dirigia-se aos poetas franceses). Sim, porque Bosquet só admitia que fossem poetas a praticar a versão de poesia. Um bom aliado, este Alain.*

*E agora, que já disse tudo, digo que não gosto de prefácios e menos ainda de justificações. A regra de ouro é: liberdade. E pede-se desenvoltamente ao leitor: que leia estes poemas o mais livremente que puder.*

*POEMAS DO ANTIGO EGIPTO*

# LIVRO DOS MORTOS

## O ROMPER DO DIA

Eu sou ontem e conheço amanhã. Posso renascer — mistério da alma

criadora dos deuses, alimentando os que aportam a oeste do céu, leme do leste, senhor dos rostos que vêem pelo seu próprio esplendor, senhor da ressurreição irrompendo das trevas. Oh, os gaviões nos

esconderijos, escutando as coisas! Assimilei esta noção: que há uma coxa no pescoço e uma coxa na cabeça do Amenti. Os ocidentais caminham para os seus lugares secretos,

levando Rá através da mansão da violência, por sobre o deus no seu santuário edificado com muralhas terrestres. Ele sou eu, e recìprocamente. Produzi a substância brilhante que Ptah

incrusta no seu metal. Invocação de Rá: Resplandece teu rosto com a boa verdade de hoje, que é a tua entrada no céu e a tua saída a oriente. Convocação dos herdeiros, chamamento daqueles

que estão diante do deus: tornei belos os teus caminhos, alarguei as estradas para a travessia

da terra, na largura do céu. Brilha sobre mim, ó alma desconhecida. Aproximo-me

do deus cujas palavras se moldam em meus ouvidos, no Tiaou. Em mim já não existe mal ou mácula materna. Libertei-me, protegido daquele que baixa as pálpebras nocturnas: é a restauração do aniquilamento

da noite. Sou a Inundação. Grande Ouvinte é o meu nome. Senhor da alma que me envolve em seu seio. A coxa da frente está no pescoço, a coxa de trás está na cabeça do Amenti. Adoração de um deus posto em sua concha.

Foi-me entregue a linhagem do deus dos deuses Grandes. Em mim, já não nascem as lágrimas. Sou testemunha das navegações para a festa dos primeiro e último quartos lunares em Abydos. Os ferrolhos repousam nos dois batentes.

Vossas imagens possuem braços. Teu rosto é como o de um galgo, quando fareja o túmulo. Lanço-me contra Anúbis, antes que o farejador de Tatounem inicie a viagem

para os dois Leões. Estou salvo. Liberto-me, derrubando a porta Iluminação - do - Coração. Aquele que conhece a profundidade da água é o meu nome. Inspiro-me nas ocultas forças dos manes. Quatro centenas de milhar e quatro milhões de coisas estão sobre a sua ara.



Eu sou o protector destas coisas, fazendo circular as horas ao dia de ajustar as espáduas da constelação Sahon: passam as vinte e quatro horas, uma a uma, e a sexta é, no Tiaou, a hora

nocturna da destruição dos inimigos, pela verdade da palavra. Aqueles que atravessam o Tiaou são o próprio Tiaou. Sahon exige, e eu resplandeço, verdadeiro e radioso senhor da Vida, criando a sétima hora, logo que ele parte. Talismãs

para a protecção dos favoritos. O sangue corre, tombam os massacrados: o deus bicórnio amontoa os corpos. Interdigo-me os mistérios, fui criado para afastar aqueles que se deitam sobre

o ventre. Sou mensageiro do senhor das coisas, conselheiro de Osíris. Que o Olho não devore as suas próprias lágrimas. Sou eu o deus da mansão, vindo de Sekhem para An.

Ensino ao Bennou as coisas do Tiaou. Oh, aquele que estabelece os mistérios que estão em mim, produzindo as transformações com Khepra, surgindo em estado de disco fulgurante! Fui concebido a oeste do céu, iluminando os manes no seu casulo,

raiando sobre os que se ocultam em sua célula. Atravesso o céu, passo pela sua muralha de ferro, que se torna branca. Voo, para iluminar os manes; transmudo-me em

sol dos inteligentes; inspiro a germinação terrena. Caminho para dar movimento às sombras dos manes. Rasgo uma estrada viva em direcção às portas do Tiaou, porque

desejo reconfortar quem está sem conforto, porque dentre os ocidentais a que pertenço, como deus Aker da região, salvo aquele que chora. Abro e fecho — isso me foi concedido pelo bom senhor,

e atravesso: Quem está em devoção no Amenti? Sou eu que estou em Rao-Staou; entro no seu nome, saio no meio dos favoritos do senhor dos milhões de anos da terra, autor do seu nome. Concebeu-me

Aquela que depõe o seu fardo e regressa. Desmoronou-se a cinta de muralhas, desmoronou-se a cerca. Mas o desastre mitiga-se: Bennou é posto às costas dos cúmplices de Set, Hórus faz com que o seu olho ilumine a terra. O meu nome é o seu nome. Não há maior grandeza do que a minha, na qualidade de deus-leão. São-me dirigidas as invocações a Sahon, sou eu quem o completa, na sua excelência. Vejo o amortalhamento do Imóvel de coração e aqueles que o fazem.

Pára a inundação, e então eu saio. Sou um criador de vida, adorador de Noun — estou marcado por essa força admirável. Saio da grande



mansão de Osíris. Estou protegido contra os que fazem prosperar o mal.

Enlaço o sicómoro, faço do sicómoro a minha casa; derrubo o muro de Tiaou. Chego, enlaço o Oudja. — Em que tempo te encontras? — Na festa da lua nova, cadáver silencioso. Chego

para ver aquele que está nas dobras de Mehen, face a face, olhos nos olhos, sustendo os ventos furiosos. Estende-me os braços, progenitura divina surgida da boca, pela palavra do deus primordial, que és os múltiplos nascimentos do

Olho do Sol. Estou de pé, reconstituo-me, voo para os céus, todos os dias pouso na terra. Enlaço Oudja durante a minha caminhada, sou gerado por Ontem, autor da minha transformação,

como serpente aker da terra. Recomeço-me na hora desejada. Envolve-se o deus do combate oculto, o seu invólucro caminha atrás de mim. O poder mágico dá-me força à carne. Estou debaixo

da protecção de minhas mãos. Neste instante em que paro para falar, levanta-se a teoria dos deuses, pela energia da linguagem. Ó leão solar erguendo os braços em Toser, tu estás em mim e eu estou em ti,

tuas formas são as minhas formas. Eu sou a inundação, o grande líquido ignorado é o meu

nome. São minhas as transformações de Toum, a vegetação terrestre de Toum. Entro em Sekhem e dele saio em puro espírito. Eu,

eu vejo eternamente as formas dos homens. A palavra daquele que conhece este capítulo cria a verdade sobre a terra e na divina região inferior; ele toma todas as formas dos vivos, graças à protecção do deus grande. Este capítulo foi encontrado

em Hermopólis num cubo de argila escrito em azul, sobre os pés do deus Trot. O achado, no tempo do rei Menkara, cuja palavra é verdade, foi feito pelo príncipe Har-titi-f neste lugar, quando

viajava na inspecção dos templos. Ele mesmo escreveu um hino no cubo, e caiu em êxtase. Levou-o nos carros do rei quando viu o que estava gravado neste cubo: grande mistério!

Ele nada via, nada escutava, recitando este capítulo puro e santo, e já se não aproximava das mulheres e não comia nem carne nem peixe. Um escaravelho de pedra dura, afeiçoado, revestido de ouro, será colocado ao peito do homem, a quem se fará

a cerimónia da abertura da boca e a quem se ungirá com óleo fino; dir-se-á depois como fórmula mágica: Meu coração de minha mãe! Meu coração de minha mãe! Meu coração necessário às transformações! Não te voltes contra mim, não te separes



de mim, ante o guarda da balança. És a minha força central, companheiro divino salvaguardando a carne. Se vais para a boa mansão, leva-me contigo.

Que ninguém esteja contra mim na boa mansão. Que se faça ouvir a alegria, quando forem examinadas as minhas palavras; que se não insinuem perfídias junto ao deus grande; que me proteja quem quer que esteja na boa mansão.

### A MANSÃO DE OSÍRIS

Salvè, diz Hórus, ó primeira porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço

o nome do deus que te guarda. Ó dama tenebrosa e grande, muralha dominadora, terrível palavra que aniquila os rebeldes, salva-me da destruição. Venho, chego junto a ti,

venero o nome do deus que te guarda; purifiquei-me na água em que Rá se purifica, para estar na posse da sua força a leste do céu. Ungi-me

de essência de cedro, enverguei as vestes de pano de menkh. Tenho um ceptro de madeira Heti. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó segunda porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho, conheço-te, conheço

o nome do deus que te guarda, dama do céu, regente da terra. «Teu flanco inspira a veneração da terra» é o teu nome. «Progenitura de Ptah» é o nome do deus que te guarda. Purifiquei-me na água onde se purificou

Osíris, a quem foi dada a barca Sekhti com a barca Mat, à saída da Grande Planície, e ele passou pelos pórticos. Ungi-me com os unguentos da festa,

enverguei as vestes de pano seshet e tenho um ceptro de madeira de palma. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó terceira porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te. Conheço o teu nome, conheço o nome do deus

que te guarda, ó dama das aras, senhora das oferendas, distribuidora das ofertas que aplacam os deuses. «Presente do dia da partida para Abydos» é o teu nome. «Figueira»

é o nome do deus que te guarda. Purifiquei-me na água onde Ptah se purificou para a sua viagem, na qualidade de deus aclamado, no dia da aparição. Ungi-me

de essência Hakennu da Líbia. Enverguei as vestes de tecido Kas. Tenho um ceptro de madeira ahpen. — Passa, responde a porta, tu és puro.



Salvè, diz Hórus, ó quarta porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome do deus que te

guarda. «Orientador das imolações da regente da terra, castigo dos inimigos do deus de coração imóvel, livrando o humilde do sofrimento» é o teu nome. «Imolador dos rebanhos» é o nome do deus que te guarda.

Purifiquei-me na água onde se purificou Ounnofré, antes da sua disputa com Set, quando a verdade da palavra foi concedida a Ounnofré. Ungi-me

com Souna e com Nen. Eu sou um grande, envergando as vestes de pano. Tenho um ceptro de taatoutou. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó quinta porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome do deus

que te guarda, ó dama do fogo, senhora das grandes aclamações, dama acima de todas as coisas. «Aquela que impetra o que por ela não entra imediatamente» é o teu nome. «Aquele que faz debandar os inimigos» é o nome do deus que te guarda.

Purifiquei-me na água onde se purificou Hórus, quando fez o Kher-heb, na qualidade de

filho amado por seu pai Osíris. Ungi-me com um unguento da reserva sagrada. Há para mim

uma garra de pantera. Tenho um bastão para repelir os réprobos. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó sexta porta do deus de coração imóvel. Percorri o meu caminho, conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome do deus que te guarda.

«Senhor dos rugidos, de quem se não conhecem a altura nem a largura, de quem se não encontrou o construtor originário, de quem se não conhece o número de répteis nele figurados,

salvè a noite pela sua concepção ante o deus de coração imóvel» é o teu nome. «Ajuntador» é o nome do deus que te guarda. Purifiquei-me na água onde Thot se purificou, quando transformou Hórus em macho. Eu

ungi-me com gordura de touro e vesti-me com panos teotes. Tenho um ceptro de madeira sept. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó sétima porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho, conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome de Rá, que te guarda.

«Nuvem cobrindo o sofredor, aquela que chora sobre o corpo do amado e o envolve com doçura» é o teu nome. «Neit» é o nome do deus



que te guarda. Purifiquei-me na água onde se purificou

Nephthys com Ísis, quando fizeram passar o crocodilo-fêmea com a sua cria pela porta dos santos lugares. Ungi-me com o óleo Hakennu e vesti-me com

panos ounkh. Tenho um ceptro de madeira merhu. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó oitava porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome do deus que te guarda.

«Aquela que pertence à sua senhora A Força, que agrada à sua senhora, que atravessa um desfiladeiro com milhões de côvados de fundura» é o teu nome. «Djeses» é o nome do deus que te guarda. Purifiquei-me na água onde se purificou

Anúbis, quando foi o embalsamador e o Kher-heb de Osíris. Unjo-me de Saft e cinjo as vestes de Hórus. Tenho uma insígnia da pele de um gato.

— Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó nona porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome do deus que te guarda.

«Fogo e flama que se não apagam; mal uma chama se extingue, outra nasce; fogo que devasta

tudo o que se lhe não rende e a cuja potência destruidora nada escapa» é o teu nome, «Terror, deus dos rugidos, protector do corpo» é o nome do senhor que te guarda. Purifiquei-me na água onde se purificou o bode de Mendés, desde o rabo aos cornos. Unjo-me com o anti dos membros divinos e com essência ankh. Enverguei uma bela túnica branca. Tenho um ceptro em madeira de palma. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó décima porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome do deus que te guarda. «Altura das portas, excitador dos gritos daqueles que temem a sua aproximação» é o teu nome. «Aquela a quem se implora em voz alta, que inspira o medo aos inimigos, que actua apenas para aqueles que contém» é ainda o teu nome. «O grande continente» é o nome do deus que te guarda. Purifiquei-me na água onde se purificou Astés, quando penetrou no interior da mansão oculta, para render homenagem a Set.

Unjo-me de óleo tesher, tenho um ceptro em osso de pássaro tesher com uma cabeça de galgo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó undécima porta do deus de



coração imóvel. Percorri o caminho, conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome daquele que está no interior. «Renovamento da imolação, chama contra os inimigos, terror de todas as portas, aquela que se regozija com o dia de ouvir torturar» é o teu nome. Tens por função verificar o frágil conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó duodécima porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho, conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome daquele que está no interior. «Condutor dos deuses cujos braços se erguem em adoração do seu rosto, quando se ilumina a água onde eles se encontram» é o teu nome. Tens por função verificar o frágil conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó décima-terceira porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho, conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome daquele que está no interior. «Chefe dos Espíritos, Tesher de luto, desolada deusa saindo da noite e repelindo os inimigos, pela força da criação que eles próprios lhe entregam, com suas mãos vencidas, deus de coração imóvel, chegando e caminhando na sua hora exacta» é o teu nome. Tens por função

verificar o frágil conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó décima-quarta porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço

o nome daquele que está no interior. «Deus do terror, executor dos massacres sangrentos, extintor, no dia de ouvir as torturas» é o teu nome. Tens por função

verificar o frágil conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó décima-quinta porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço o nome daquele que

está no interior. «Senhor da veneração, perseguidor dos inimigos, chama crepitando à sua aparição, criador dos mistérios da terra» é o teu nome. Tens por função verificar o frágil conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó décima-sexta porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho, conheço-te, conheço o teu nome, conheço

o nome daquele que está no interior. «Vastidão do horizonte, senhor do sangue, sangrento imolador, deusa poderosa, dama da destruição pelo fogo» é o teu nome. Tens por função verificar



o frágil conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó décima-sétima porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço

o nome daquele que está no interior. «Amor da chama, puro ouvir a pantera por amor das feridas, primeiro dos devotos, senhor do lugar do massacre

e da imolação dos inimigos, no meio da noite» é o teu nome. Tens por função verificar o conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó décima-oitava porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome, conheço

o nome daquele que está no interior. «Aquela que prepara a luz da duração mestra da chama, senhora das forças e dos escritos do próprio Toth» é o teu nome. Tens por função verificar o frágil conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó décima-nona porta do deus de coração imóvel. Percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome,

conheço o nome daquele que está no interior. «Invocadora do seu deus, campo, invólucro do oculto, criadora do que eleva os corações, aquela que se abre por si mesma» é o teu nome. Tens por função verificar

o frágil conteúdo. — Passa, responde a porta, tu és puro.

Salvè, diz Hórus, ó vigésima porta do deus de coração imóvel, percorri o caminho. Conheço-te, conheço o teu nome,

conheço o nome do deus que te guarda. «Gládio que surge das sílabas do seu nome, deus ocultando a face, deus desconhecido cuja flama queima o coração dos homens» é o teu nome. Possuis os segredos do vingador do deus que guardas e que

tem o nome de «o Devorador». Estéreis torna ele a acácia e a árvore shennou e despista o metal da montanha. Os companheiros desta porta são seis deuses: «Djen» e «At» é o nome

de um, «na porta» ou «paz do nascimento» é o nome de outro, «íntegro de boca» é o nome de outro, «guia dos caminhos» é o nome de outro, «figueira» é o nome de outro, «Anúbis» é o nome de outro.

Percorri o caminho. Sou Khem-Hórus, vingador de seu pai, herdeiro de seu pai Ounnofré. Chego. Extermino os inimigos de meu pai Osíris. Venho todos os dias com a verdade da palavra, mestre da devoção

na mansão de meu pai Toum, senhor de Heliopólis. Eu, Osíris X no céu do sul, criei a verdade para aquele que a criou. Celebrei a festa Aker



em honra do meu deus, dirigi as suas cerimónias. Ofereci pães aos senhores da ara,

reparti as oferendas, os alimentos, os pães, a cerveja, os bois e os patos de meu pai Osíris Ounnofré. Estou pronto para que a minha verdade me cubra. Fiz com que Bennou aparecesse, pela força da palavra. Todos os dias venho ao templo oferecer o incenso. Reparti

as vestes sacrais. Atravesso o lago num barco. Crio a palavra de Osíris, habitante do Amenti. Conduzo todos os inimigos ao lugar da imolação do Leste. Não escapam à vigilância de Seb.

Conservo-me junto dele, e emposso Rá da sua verdade da palavra. Sou o escriba, o intérprete. Faço com que o deus esteja na posse das suas pernas. Chego à mansão do deus da montanha, vejo o ocupante da sala divina, Anúbis.

Penetro em Ro-sta. Oculto-me, e descubro uma passagem. Vou para Anroutef. Visto os nus.

Volto a subir o rio, em direcção a Abydos. Honro os deuses Hou e Sa. Penetro na mansão de Astés. Conjuro

os deuses Khatii e Sekhet, no santuário dos chefes. Penetro em Ro-sta. Oculto-me, e descubro uma passagem. Vou

para Anroutef. Visto os nus. Volto a subir

o rio, em direcção a Abydos. Honro os deuses Hou e Sa. Quando me levanto,

recebo o diadema, e com ele me coroo no meu trono, na mansão de meu pai e dos primeiros deuses. Adoro o lugar do renascimento e a santa região. A minha boca fala, possessa

da verdade. Afogo a serpente Akhekha. Chego à mansão onde o corpo recupera os seus poderes, e é-me concedido navegar na barca de Haï. O perfume desprende-se da

cabeleira dos Inteligentes. Penetro na mansão de Astés. Conjuro os deuses Khatii e Sekhet, no santuário

do chefe. Chegei a Tatou na qualidade de favorito, eu, o Osíris X.



## ODE DO DESESPERADO

A morte está agora diante de mim
como a saúde diante do inválido,
como abandonar um quarto após a doença.

A morte está agora diante de mim
como o odor da mirra,
como sentar-se sob uma tenda num dia de vento.

A morte está agora diante de mim
como o perfume do lótus,
como sentar-se à beira da embriaguez.

A morte está agora diante de mim
como o fim da chuva,
como o regresso de um homem
que um dia partiu para além-mar.

A morte está agora diante de mim
como o instante em que o céu se torna puro,
como o desejo de um homem de rever a pátria
depois de longos, longos anos de cativeiro.

## EXORCISMO

Oh vai, vai dormir, e vai aonde estão as tuas belas
mulheres,
sobre cujos cabelos se verteu a mirra
e sobre cujos ombros se verteu o incenso fresco.



## FRAGMENTO DO CAIRO

Quando eu a cinjo e ela me abre os braços,
sou como um homem que regressa da Arábia,
impregnado de perfumes.

*

Desço o rio numa barca,
ao ritmo dos remadores.
Com um feixe de canas ao ombro,
vou para Mênfis,
e direi a Ptah, senhor da verdade:
«Dá-me esta noite a minha amada.»
Este deus é como um rio de vinho,
com seus maciços de canas.
E a deusa Sekhmet é como se fosse a sua moita
de flores.
E a deusa Earit, seu lótus em botão.
E o seu lótus aberto, o deus Nefertoum.

— E a minha amada será feliz.

Levanta-se a aurora através da sua beleza.
Mênfis é um cesto de tomates
posto em frente do deus de rosto puro.

*

Bom é mergulhar, bom,
ó deus meu amigo,
é banhar-me diante de ti.
Adivinhas-me, quando se molha
minha túnica de fino linho real.
E juntos entramos nas águas,
e à tua frente eu saio das águas,
agarrando entre os dedos
um estupendo peixe encarnado.
— Olha para mim.

*

Tanto se alvoroça meu coração, de puro amor,
que metade da minha cabeleira se desfaz,
quando corro ao teu encontro.

Para que me vejas sempre igual e bela
diante de ti,
eu componho os meus cabelos.



## *PSALTÉRIO*

# SALMOS
## 137, 88, 22, 42, 57, 69 e 139

*(Segundo montagem de Jean Grosjean)*

Sôbolos rios que vão por Babilónia, sentados
chorámos as lembranças de Sião,
e nos salgueiros pendurámos as harpas
contra o vento.

Porque nos pedem cânticos e alegria.
— Entoai, dizem eles, as canções de Sião.

Mas como em terra estranha elevaremos um canto
ao Eterno?
Que me seque a mão direita, se te esquecer,
Jerusalém!

E a língua paralise, se abandonares
as câmaras da memória,
se Jerusalém não for a mais alta alegria.

Lembra-te, ó Eterno, de quando
gritavam na terra de Jerusalém: — Devastai-a
até às raízes!

Feliz daquele que em suas mãos erguer teus filhos
e na pedra os esmagar, ó devastadora
filha de Babel!

*

De dia grito e gemo à noite, à tua frente:
abre-te aos meus soluços. Que te atinja minha dor.
Bêbeda de infortúnio, a minha vida rola.
Estou deitado junto aos mortos e fechado no
silêncio,
perdido entre aqueles de quem se perdeu a
memória.
A tua fúria me lança nos lugares tenebrosos,
contra mim desencadeias teus turbilhões obscuros.

Apartaste de meu lado os que eram os amigos.
Ao cativo sem esperança o choro consome os olhos.
Digo o teu nome nas trevas, estendo-te as mãos
incansáveis —
mas que esperas tu dos mortos? que te importam
sombras idas?

Louvam-te acaso a graça na perdição do abismo?
Conhece-se o que é justiça na noite do esque-
cimento?



Cada manhã meu clamor se levanta para ti:
porque afastas tua face do cerco da minha voz?
Moribundo desde a infância, eu sofri os teus
terrores,
teus espantos me esmagaram.
Rodeado pelas ondas, já me afundo sob as vagas.
— Minhas mãos abrem-se e fecham no grande
país das trevas.

*

Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste
e te afastas de meus gritos?
Brado em vão e sem repouso.
Encho os dias e as noites com as vozes desta
angústia,
e o teu silêncio me cerca.

Chamavam por ti os antigos, e os apelos ecoavam
em tuas altas escarpas.
Eu porém sou como um verme — a vergonha
do meu povo.
Escarnece quem me vê:
— Confia no teu Senhor, porque salva aqueles
que ama.

Foste tu quem me tirou do ventre de minha mãe,
tu que eras o meu Deus desde o fundo da matriz.

Oh, não te afastes mais de mim, quando a angústia
me rodeia.
Inumeráveis me envolvem os touros de Basan.
Leões que abrem as bocas para me dilacerar.
E os meus ossos desconjuntam-se.
Derrete-se meu coração como cera contra as chamas.
Seca-se a boca de argila.

Ladra o tumulto dos cães. Sangrando de pés e mãos,
rolo sobre um chão mortal.
Espalharam os meus ossos, dividiram minha túnica:
não te afastes mais de mim, ó grande força celeste!
Arranca aos cães e ao gládio esta vida singular.
Toma-a às garras dos leões e aos altos cornos dos búfalos.

•

A gazela brame correndo para a água, e corre a minha alma para ti.
Quando verei aquele de que tenho tanta sede?
Cresce-me o pranto, se me perguntam onde está o Deus vivo.



Triste, lembro-me de haver caminhado para ti,
entre os gritos delirantes de um povo na sua festa.
Que tens, ó minha alma, que estremeces de melancolia?
Porquê gemer e não cantar Aquele
onde se apoia a tua face?

Sobre os montes do exílio tua lembrança me enlouquece.
O abismo tem sede de abismo: tuas chuvas turbilhonantes
caem sempre sobre mim, no fragor das cataratas.
Nascia-me de ti um canto tumultuoso,
longamente agora esqueço nesta inspiração das lágrimas.
— Onde está o Deus vivo? — perguntam-me os frios
de coração. E eu pergunto onde está o meu Deus vivo.
Que tens, ó minha alma, que estremeces de melancolia?
Porquê gemer e não cantar Aquele
onde se apoia a tua face?

Onde está o Deus vivo, que se não esgota
o tempo das trevas? Sobre os montes do exílio, tremo
e peço que revele a sua luz.

Que eu mencione em minha cítara um Deus de
alta presença.
Que tens, ó minha alma, que estremeces de melancolia?
Porquê gemer e não cantar Aquele
onde se apoia a tua face?

•

Piedade, ó Deus, piedade!
Agacho-me debaixo da sombra das tuas grandes
asas.
Em ti espero a passagem dos flagelos.

Alto Senhor abrindo-se sobre mim, resguarda-me
dos devoradores.
Oh, sê fiel à tua fidelidade!

Porque a minha alma está deitada entre os leões,
entre fogo e flechas.
Urde-se o canto no silêncio do coração.
Despertai a glória da manhã, ó cítara e alaúde!
Sê fiel à tua fidelidade!

Ergue-te, ó Deus, pássaro terrível,
sobre todos os céus.
Levanta a tua glória sobre as raízes da terra.



Que se embaracem nas redes os que me lançaram
as redes da sua malícia.
Que se envolvam nas suas próprias trevas.

Toldam-se as nuvens em tua graça.
Oh, sê fiel à tua fidelidade!
Ergue-te, ó Deus, pássaro terrível,
sobre todos os céus.
Levanta a tua glória sobre as raízes da terra.

•

Salva-me, ó Deus, sobem-me as águas até à alma.

Mergulho no lodo profundo, afundo-me no abismo
das águas. Minha vida queimou-se
na espera do Senhor.

Tu conheces, ó Deus, toda a minha loucura.
Mas que ela não atinja aqueles que te esperam.
Por ti eu conheci o tempo da confusão, e uma
face tenebrosa
se encostou à minha face.
Eu agora sou estranho em casa de minha mãe,
eu agora já não caibo na minha própria casa.
Devorou-me o amor da tua Casa longínqua.

Faço a conta aos inimigos como se contam
cabelos.
Tornei-me para eles numa coisa fabulosa.
Nas canções dos bebedores o meu nome passa e
passa
como uma sombra maligna.

Que tu conheces, ó Deus, toda a minha loucura.
Mas devorou-me o amor da tua Casa longínqua.

Levanta-me do abismo das muitas águas pro-
fundas,
tu que sabes toda a angústia.
Alimentaram-me a fel, deram vinagre a beber.
Faz com que tombem à mesa e que a cegueira os
fulmine.
E em sua casa vazia e em sua deserta cidade,
o teu furor os calcine!
Volta a folha do teu livro, e o seu nome se dilua.
Mas a mim, que tu vergaste pelas máquinas da dor,
levanta-me do abismo das muitas águas pro-
fundas.
Que me devorou o amor da tua Casa longínqua.

*

Tu me sondas, Senhor, e me conheces.
Sabes quando me sento e me levanto,



de longe tu escrutas as menores intenções,
reconheces minha marcha e vigias o meu sono.
Nada de mim te é estranho.
Adivinhas a palavra que se tece ainda em mim.
Estás em frente do meu rosto, estás atrás das
minhas costas,
e pousaste a tua mão sobre a carne do meu
ombro.
— Oh, tua ciência é de mais prodigiosa.

Como fugir à tua Face, como evitar teu Espírito?
Acho-te nos campos celestes e nas funduras da
treva.
Se voo nas asas da luz para o outro lado das
águas,
agarra-me a tua mão que jamais me deixará.
E se as trevas sem astros se derrubam sobre mim,
para teus olhos as noites nada mais são do
que luz.

Foste tu, eu sei, quem ergueu a minha carne,
quem lentamente me urdiu no ventre de minha
mãe.
Maravilho-me ao pensar no enigma criado.
De há muito já decifravas labirintos da minha
alma,
e vias erguer-se a máquina dos meus ossos
obscuros.

Minha vida estava inscrita no teu livro encoberto.
Ainda antes do tempo fixaras os meus dias.
Mas os teus, os teus enigmas, quem os pode
decifrar?
Que se estendem pelo tempo como na terra as
areias.
Odeio os teus inimigos com um ódio absoluto.
Tu me sondas, Senhor, e me conheces.
Adivinhas a palavra que se tece ainda em mim.
— Oh, tua ciência é de mais prodigiosa.
Tu que sabes do meu sono e da minha marcha
incerta,
dá-me o caminho secreto para a tua eternidade.



# *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

## CÂNTICO DOS CÂNTICOS, DE SALOMÃO

*Sulamite*

Beije-me ele com os beijos da sua boca.
Amor melhor do que o vinho.

— Delicado é o aroma dos teus perfumes;
e teu nome, unguento que se derrama.
Por isso te amam as virgens.

Leva-me contigo, corramos juntos.

O rei levou-me para as suas câmaras.

— Tu serás o nosso júbilo, a nossa alegria.
Cantaremos teu amor mais que o vinho.
Cheio de razão é o amor de quem te ama.

*Sulamite*

Sou morena mas bela, ó raparigas de Jerusalém,
como as tendas de Quedar,
como os pavilhões de Salomão.
Não olheis meu rosto bronzeado:
foi o sol que me queimou.
Os filhos de minha mãe viraram-se contra mim,
mandaram-me guardar as vinhas.
Porém, eu não guardei a minha própria vinha.

Diz-me, tu a quem ama o meu coração:
onde apascentas o rebanho,
onde o recolhes ao meio-dia?
Para que eu não erre, cara velada, como uma vagabunda
entre os rebanhos dos teus companheiros.

*Coro das raparigas de Jerusalém*

Se o não sabes, ó mais bela entre as mulheres,
segue as pègadas dos rebanhos,
apascenta os cabritos junto às tendas dos pastores.



*Salomão*

Comparo-te à minha égua, atrelada
ao carro do Faraó.
Inalterável em sua maravilha se conserva teu rosto
ao meio das arrecadas, e o pescoço
com seus colares.
Longos pingentes de ouro e esferas de prata,
para ti.

*Sulamite*

Enquanto o rei se assenta à sua mesa,
exala o meu nardo o seu perfume.
O meu amado é como um ramo de mirra
cravado entre meus seios —
cacho de ligustro nas vinhas de En-Gaddi.

*Salomão*

Como és bela bela, minha amada, como
és bela.
Teus olhos são duas pombas.

*Sulamite*

Como és belo belo, meu amado, como
és belo.
Verde de folhagem é o nosso leito verde.

*Salomão*

As traves da nossa casa são de cedro, os forros em madeira de cipreste.

*Sulamite*

Eu sou a rosa de Saron, o lírio dos vales.

*Salomão*

Como o lírio no meio dos cardos,
assim é a minha amada entre as outras raparigas.

*Sulamite*

Como a macieira entre as árvores de um pomar,
assim é o meu amado entre os homens.
— Sentei-me à sua sombra, coberta
pelos grandes frutos da sua árvore.

Levou-me o meu amado pelas câmaras da festa,
e era o amor o estandarte que ele abria sobre mim.

— Dai-me bolos de passas, reanimai-me
com maçãs.
Porque eu estou doente de amor.



O seu braço esquerdo está debaixo da minha cabeça,
o seu braço direito aperta-me
fortemente.

— Suplico-vos, ó raparigas de Jerusalém,
pelas gazelas, pelas corças dos campos,
não acordeis, não acordeis o meu amor, antes que ele
o deseje.

## SEGUNDO POEMA

*Sulamite*

Ouço o meu amado.
Ei-lo que chega, correndo pelas montanhas,
saltando sobre as colinas.
O meu amado é semelhante a um veado jovem.
Ei-lo de pé, junto às paredes,
espreitando às janelas, olhando pelas grades.

Ele ergue a voz.
— «Vem, meu amor.
Passou o inverno, acabaram-se as chuvas.

As flores afogam a terra.
Eis o tempo das alegres canções.
Cantam as rolas no nosso país,
e as figueiras formam os seus primeiros frutos.
As videiras em flor desprendem-se em aroma.
Vem, meu amor.
Pomba escondida nas fendas dos rochedos,
nos secretos lugares das escarpas —
mostra-me o rosto,
deixa-me ouvir a tua voz.
Porque a tua voz é clara, e admirável
é o teu rosto.»

Não tardou, porém, que eu encontrasse
aquele a quem ama o meu coração.
Não o deixarei agora, enquanto o não levar
a casa de minha mãe,
à frente daquela que me gerou.

— Suplico-vos, ó raparigas de Jerusalém,
pelas gazelas, pelas corças dos campos,
não acordeis, não acordeis o meu amor, antes que ele
o deseje.



*Os irmãos de Sulamite*

Apanha-nos as raposas, as raposinhas
que destroem as videiras,
porque as nossas videiras estão em flor.

*Sulamite*

O meu amado é meu e eu sou dele.
Ele apascenta um rebanho entre os lírios.

— Antes que se levante a brisa da manhã
e se rasgue a noite, volta,
corre como um veado sobre as montanhas da aliança.

De noite, no meu leito, procurei
aquele a quem ama o meu coração.
Levanto-me agora, e vou pela cidade.
Em vão o procurei.
Pelas ruas e pelas praças
buscarei aquele a quem ama o meu coração.
Em vão o procurei.

Acharam-me os guardas que fazem a ronda da cidade.

— «Vistes porventura aquele a quem ama o meu
coração?»

## TERCEIRO POEMA

### *Sulamite*

Quem é que sobe do deserto como uma coluna de
fumo,
vapor de mirra e de incenso,
vapor de todos os perfumes exóticos?

Eis a liteira de Salomão, rodeada
por sessenta guerreiros de estirpe,
nata dos guerreiros de Israel.
Todos valentes na guerra, trazem à cinta
as espadas,
por causa das ciladas nocturnas.

O rei Salomão mandou construir um trono para si
em madeira do Líbano.
Fez-lhe de prata as colunas, de ouro o dossel,
e o assento de púrpura.
O fundo é uma marchetaria de ébano.



— Vinde ver, ó raparigas de Sião, o meu amado
trazendo o diadema que lhe pôs sua mãe
no dia dos esponsais,
no dia da alegria do seu coração.

### *Salomão*

Como és bela bela, minha amada, como
és bela.
Teus olhos são duas pombas, atrás do véu.
Tua cabeleira é um rebanho de cabras,
descendo pelas vertentes de Galaad.
Teus dentes, rebanho de ovelhas tosquiadas
que sobem do bebedouro,
duas a duas, sempre juntas.

Teus lábios, um fio de escarlata;
e mansas, as palavras que dizes.
Os pomos do teu rosto são como romãs cortadas.

No meio das tranças, levanta-se teu pescoço,
semelhante à torre de David,
edificada para pendurar os broquéis
e os escudos redondos dos guerreiros.

Teus seios são como duas corçazinhas gémeas,
pastando por entre os lírios.

— Antes que se levante a brisa da manhã
e se rasgue a noite,
irei à montanha da mirra,
à colina do incenso.

Como és bela bela, minha amada, e pura.

Vem comigo do Líbano, meu amor,
comigo do Líbano.
Abaixa teus olhos dos cimos do Amana,
dos cimos do Samir e do Hermon,
covil de leões,
montanhas de leopardos.

Arrebataste meu coração, minha irmã, minha
amada,
arrebataste meu coração,
com um só dos teus olhares,
com uma única pérola do teu colar.
Magnífico é o teu amor, minha irmã, minha
amada.



E o cheiro dos teus perfumes, melhor
que todos os bálsamos.
Teus lábios, ó minha amada, destilam mel virgem.
Leite e mel na tua língua.
O cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do
Líbano.

Horto fechado és tu, minha irmã, minha amada,
horto fechado, fonte secreta.
Floresces como um pomar de romãzeiras,
no meio dos aromas raros:
o nardo, e o açafrão, e o cinamomo, e a cana,
e as árvores do incenso, e a mirra, e o aloés —
com os perfumes mais finos.
Ó fonte que fecundas os jardins,
poço de águas vivas, ribeira descendo do Líbano.

*Sulamite*

Levanta-te, vento norte; corre, vento sul.
Batei no meu jardim, e que os aromas se
espalhem.
Entre o meu amado no seu jardim e prove
seus frutos pesados.

*Salomão*

Eu entro no meu jardim, minha irmã, minha
amada,
eu colho a minha mirra e o meu bálsamo.
Eu entro no meu jardim, eu como o mel e o favo,
eu bebo o vinho e o leite.
— Comei, amigos. Bebei,
embriagai-vos, ó amados.

## QUARTO POEMA

*Sulamite*

Eu durmo, mas o meu coração vela.
Ouço baterem à porta.

«— Abre, minha irmã, minha amada,
minha pomba, minha eleita.
Que a minha cabeça está coberta de orvalho,
meus cabelos estão cheios das gotas da noite.»

«— Já despi minha túnica, como a tornarei a
vestir?
Já meus pés lavei, como os sujarei de novo?»



Já o meu amado passa a mão pelo postigo:
e de súbito estremecem-me as entranhas.

Levantei-me da cama para abrir ao meu amado,
e de minhas mãos se desprendia o perfume da
mirra,
de meus dedos se desprendia o perfume da mirra
virgem
sobre o fecho da porta.
Eu abri ao meu amado, mas já ele partira.

Meu coração estremecera à sua voz,
e agora procurava-o, e ele tinha desaparecido.
Agora chamava-o, e ele não respondia.
Encontraram-me os guardas que fazem a ronda
da cidade.
Espancaram-me e feriram-me, e roubaram-me o
manto —
os guardas das muralhas da cidade.

— Suplico-vos, ó raparigas de Jerusalém,
que, se virdes o meu amado,
lhe digais que estou doente de amor.

*Coro das raparigas de Jerusalém*

Que tem o teu amado mais que os outros,
ó mais bela entre as mulheres?
Que tem o teu amado mais que os outros,
para que assim te lamentes?

*Sulamite*

O meu amado é puro e forte, o melhor entre dez
mil.
Sua cabeça é de ouro virgem;
seus cabelos, palmas negras, asas de corvo.
São pombas os olhos, pombas na água de um
tanque,
pombas banhando-se em leite,
pousadas nas águas.

As faces, canteiros de aromas, maciços per-
fumados;
e os lábios, lírios escorrendo mirra virgem.
Esferas de ouro, as mãos — esferas com pedras
de Tarsis.
E as pernas são brancas colunas de mármore,
sobre bases de ouro limpo.



Ele é como o Líbano, único
como os cedros do Líbano.

E a sua voz é branca, e tudo
é magnífico.

Assim é o meu amigo, o meu amado,
ó raparigas de Jerusalém.

*Coro das raparigas de Jerusalém*

Para onde foi o teu amado, ó mais bela entre as
mulheres?
Que caminho tomou ele, que o procuramos con-
tigo?

*Sulamite*

O meu amado desceu ao seu jardim, aos canteiros
perfumados,
para colher lírios,
para nos jardins apascentar o seu rebanho.
Eu sou do meu amado e ele é meu.
Ele apascenta o seu rebanho entre os lírios.

## QUINTO POEMA

*Salomão*

Tu és bela, minha amiga, como Tirça,
esplêndida como Jerusalém.
Terrível como um exército debaixo dos estan-
dartes.

Afasta de mim teus olhos, que me fascinam.

Tua cabeleira é um rebanho de cabras
deitado nas encostas de Galaad.
Teus dentes, rebanho de ovelhas tosquiadas
que sobem do bebedouro,
duas a duas, sempre juntas.
Os pomos do teu rosto são como romãs cortadas.

São sessenta as rainhas e oitenta as concubinas,
e é sem número o número das raparigas virgens.
Única, porém, é a minha amada,
a minha eleita.
E é a única de sua mãe, a amada filha
de sua mãe.
Viram-na as raparigas, e chamaram-na bem-
-aventurada,
e celebraram-na rainhas e concubinas.



*Coro das raparigas de Jerusalém*

Quem é que aparece como a aurora,
grande como a lua,
branca como o sol,
terrível como um exército debaixo dos estan-
dartes?

*Salomão*

Desci ao jardim das nogueiras para ver os
rebentos do vale,
para ver se a vinha rebentara,
e as romãzeiras estavam em flor.

— Não sei, mas transportou-me o desejo
para a cabeça dos carros do meu povo.

*Coro das raparigas de Jerusalém*

Volta, volta, ó Sulamite,
volta, volta, para que nós te contemplemos.

*Salomão*

Porque olhais para a Sulamite, como se dan-
çasse

ao som de um coro duplo?
Que soberbos são teus pés nas sandálias,
ó filha de príncipe.
A curva das tuas coxas é como um colar,
obra das mãos de um artista.
Abre-se teu umbigo como uma taça redonda,
em teu ventre, montículo de trigo
cercado de lírios.

Teus seios parecem duas gazelinhas gêmeas;
e o pescoço, uma torre de marfim.
Teus olhos são as piscinas de Heshbôn,
junto à porta de Bat-Rabbin.
E o teu nariz é como a torre do Líbano,
sentinela voltada para Damas.
E a tua cabeça ergue-se, semelhante ao Carmelo,
e as tuas tranças são como a púrpura.

Um rei está fascinado pela tua cabeleira.

Como és bela bela, como
és bela, ó amor, ó delícias.

No teu impulso, és como a palmeira —
teus seios são cachos de tâmaras.



Sejam teus seios como cachos de uvas;
teu hálito, perfume de maçã;
tuas palavras, um vinho delicado.

*Sulamite*

Como corre nos lábios dos que dormem,
assim pertence o vinho ao meu amado.

E eu pertenço ao meu amado,
e é para mim que se dirige o seu desejo.

— Vem, meu amor, partamos para os campos.
Passaremos a noite nas aldeias,
e pela manhã iremos aos vinhedos.
Veremos se já rebenta a vinha,
e os pâmpanos florescem, e as romãzeiras estão
em flor.
Então eu te farei o dom de mim mesma.

As mandrágoras libertam o seu perfume,
e os melhores frutos estão diante da nossa porta.
Para ti, meu amado, eu guardarei os frutos,
os verdes frutos, os frutos já maduros —
para ti os guardarei, ó meu amado.

Fosses tu meu irmão. Poderia beijar-te,
sem surpresa de ninguém.

Irás comigo a casa de minha mãe,
e tudo me ensinarás.
Dar-te-ei a beber um vinho perfumado,
o meu licor de romãs.
O seu braço esquerdo está debaixo da minha
cabeça,
o seu braço direito aperta-me
fortemente.

*Salomão*

Suplico-vos, ó raparigas de Jerusalém,
não acordeis, não acordeis o meu amor, antes
que ele
o deseje.

## CONCLUSÃO

*Coro das raparigas de Jerusalém*

Quem é que sobe do deserto apoiada ao seu
amado?



*Salomão*

Acordei-te sob a macieira,
no mesmo sítio onde tua mãe te concebeu.

Põe-me como um selo em teu coração,
como um selo no teu braço.
Porque o amor é forte como a morte,
o amor único mais forte que a eternidade dos
mortos.
As suas feições são como flechas de fogo,
uma chama de Deus.
As grandes águas não poderão extinguir o amor,
nem submergi-lo os rios.

*POESIA MAYA*

Este é o Primeiro Livro, escrito outrora, mas cuja face se encontra hoje escondida daquele que vê, daquele que pensa. Grande é a exposição, a história, de quando se edificaram todos os ângulos do céu, da terra, a quadrangulação, sua medida, os quatro pontos cardeais, a medida dos cantos, a medida das linhas, no céu, na terra, nos quatro ângulos, nos quatro cantos, como tinha sido dito pelos Construtores, os Formadores, as Mães, os Pais da vida, da existência, Os da Respiração, Os das Palpitações, Os que engendram, Os que pensam, Luz das tribos, Luz das crianças, Luz dos filhos, Pensadores e Sábios em tudo quanto existe no céu, na terra, nos lagos, no mar.

Eis a narração de como tudo se encontrava em suspenso, tudo calmo, tudo imóvel, tudo tranquilo, tudo silencioso, tudo vazio, no céu, na terra, eis a primeira história, a primeira descrição.

Não havia um único homem, um animal, pássaro, peixe, caranguejo, pau, pedra, caverna, ravina, erva, floresta. Só o céu existia.

Não surgira ainda a face da terra; sòmente havia o mar limitado, todo o espaço do céu. Nada

existia de reunido, de unido. Tudo era invisível, tudo era imóvel no céu.

Nada existia de edificado. Sòmente a água limitada, sòmente o mar calmo, só, limitado. Nada existia. Sòmente a imobilidade, o silêncio, nas trevas, na noite.

Sòmente os Construtores, os Formadores, os Dominadores, os Poderosos do Céu, os Reprodutores, os Engendradores estavam sobre a água, luz espalhada. Os seus símbolos encontravam-se envolvidos nas plumas, nas plumas verdes; seu nome gráfico era pois Serpentes de Plumas. São estes os grandes Sábios. Assim é o céu, assim também são os Espíritos do Céu; estes são, diz-se, os nomes dos deuses.

Então surgiu a Palavra; veio dos Dominadores, dos Poderosos do Céu, nas trevas, na noite; foi proferida pelos Dominadores, os Poderosos do Céu; eles falaram; reuniram-se em assembleia, e pensaram, acordaram entre si; e ligaram-se as suas palavras, as suas sabedorias.

Revelaram-se então, meditaram, na madrugada, decidiram construir o homem, enquanto se reuniam em assembleia para resolver sobre a produção, a existência das árvores, das lianas, a produção da vida, da existência, nas trevas, na noite, pelos Espíritos do Céu chamados Mestres Gigantes.



Mestre Gigante Relâmpago é o primeiro, Rasto do Relâmpago é o segundo, Esplendor do Relâmpago é o terceiro; estes são os três Espíritos do Céu.

Então vieram com eles os Dominadores, os Poderosos do Céu, falaram acerca da aurora da vida, como se faria a germinação, como se faria a aurora, que sustentaria, alimentaria.

«Assim seja. Fecundai-vos. Que esta água saia, que se retire. Que a terra nasça, se consolide, disseram eles, que a germinação se faça, que a aurora surja no céu, na terra, porque não haverá adoração nem manifestação pelas coisas construídas, formadas, até que apareça o homem construído, formado»; assim falaram eles, pelo que nasceu a terra existente.

«Terra», disseram eles, e logo ela nasceu. Sòmente um nevoeiro, sòmente uma nuvem, o nascimento da matéria. Então as montanhas saíram da água; saíram umas atrás das outras, as grandes montanhas. Sòmente pela Ciência Mágica, pelo Poder Mágico, foi realizado aquilo que se decidira sobre os montes, as planícies; imediatamente nasceram ao mesmo tempo na superfície da terra os ciprestes, os pinhais.

E os Poderosos do Céu se regozijaram: «Sede bem-vindos, ó Espíritos do Céu, ó Mestre Gigante Relâmpago, ó Rasto do Relâmpago, ó Esplendor

do Relâmpago. — Que se complete a nossa construção, a nossa formação», foi respondido.

Logo nasceram a terra, os montes, as planícies, as águas correram, os regatos caminharam por entre os montes; assim caminharam as águas quando apareceram as grandes montanhas.

Assim foi o nascimento da terra quando nasceu por ordem dos Espíritos do Céu, dos Espíritos da Terra, porque assim se chamam aqueles que primeiramente os fecundaram, quando céu e terra se encontravam suspensos sobre a água; assim foi ela fecundada quando a fecundaram; assim conceberam eles a sua consumação, a sua composição.





— Filho, quais são as bocas tristes por onde as canas se lamentam?

— Os buracos da flauta.

*

— Filho, viste acaso duas pedras verdes com uma cruz ao meio?

— Os olhos do homem.

*

— Filho, e o papagaio que levanta a saia, e tira a capa, e a camisa, e o chapéu, e os sapatos? Filho, passou acaso por ti? Talvez tivesses passado tu por ele, pela alta pedra que se inclina à entrada do céu, e está na porta da muralha. Quando por lá passaste, viste porventura avançarem para ti homens como touros inclinados?

— A pupila e o par de olhos.

*

— Filho, viste as velhas que traziam ao colo os enteados e outras crianças?

— Pai, estão aqui enquanto como, e não os posso deixar. O polegar e os outros dedos.

•

— Filho, por onde passaste há um riacho.

— Pai, esse riacho está em mim. É o sulco ao meio das minhas costas.

•

— Filho, vai buscar-me uma mulher de Jalisco que tenha os cabelos em desordem e seja muito bela e virgem. Que lhe dispo o vestido e o saiote, e ficarei feliz de vê-la assim. O seu perfume será de terra, e um turbilhão será a sua bela cabeça.

— É a tenra espiga de milho verde cozida debaixo da terra.

•

Ele ganha e, contente, leva consigo a pedra vermelha com que sonhou. O orvalho do céu com que sonhou.



# ENIGMAS AZTECAS

— Um espelho numa casa feita com ramos de pinheiro?

— O olho com a sobrancelha.

*

— Uma velha com cabelos de feno branco e que vela à porta da casa?

— Uma meda de milho.

*

— Uma pedra branca de onde saem plumas verdes?

— A cebola.

*

— Uma coisa que caminha, levando à frente plumas vermelhas e que é seguida por um bando de corvos?

— O incêndio das savanas.

*

— Uma coisa que tem sandálias de pedra e se levanta à porta da casa?

— Os pilares laterais da porta.

*

— Uma coisa que vai pelos vales fora, batendo as palmas das mãos como uma mulher que faz tortilhas?

— A borboleta voando.



## *POESIA MEXICANA DO CICLO NAUATLE*

I

Deitada, repousa a flor. Deitado, além, repousa o canto.
Lapido esmeraldas, derreto o ouro: e eis o meu canto.
Engasto esmeraldas: eis o meu canto.
O homem inclina-se para polir o canto como uma turquesa.
E o deus faz brilhar o escudo de plumas de quetzal.
Imitas um pássaro verde-azul, o pássaro de fogo.
Embriaga-se teu coração: absorve a flor da pintura, o canto pintado.
E abres agora as asas de quetzal.
Ondulas com tuas plumas de arco-íris, ó pássaro de colo vermelho e plumagem cor de malva.
Bebe o mel. A grande flor perfumada apareceu na terra.

II

No pórtico de flores, no corredor de flores,
canta o cantor e eleva seu canto puro:

«Chegaram os pássaros diferentes:
o pássaro azul, o pássaro amarelo, o pássaro de ouro e cor-de-rosa —
o maravilhoso pássaro da luz.»
Na casa do deus levanta-se agora o canto admirável.
Bracelete, fino unguento, esmeralda brilhante,
ouro, flauta acordada. Eis o que o teu canto é para mim.

Belas são as tuas virgens flores.
Colares de luzentes e redondas pedras de jade,
enorme plumagem de quetzal,
arco de finíssimas plumas,
ouro, flauta acordada. Eis o que o teu canto é para mim.
Belas são as tuas virgens flores.

III

És uma flor vermelha de milho queimado.
Abres na terra do México tuas pétalas ardentes.
As borboletas do mundo libam em ti o mel vivo,
e em ti libam o mel os pássaros semelhantes às águias roubadoras.
Tua casa verde refulge como um grande sol —
a casa de aquáticas flores de jade.
Flores espalham-se, soam os guizos.
Príncipe, são os teus guizos.



És uma flor encarnada de plumas:
abres na terra do México tuas pétalas ardentes.
E teu perfume caminha pelo mundo, espalha-se entre a multidão.
Uma pedra de jade rolou na poeira, nasceu uma flor: o teu canto.
Esplende o sol
sòmente quando na terra do México levantas tuas flores virgens.

Ireis à região das piteiras selvagens,
para colher os cactos e as piteiras selvagens,
para erguer uma casa de piteiras selvagens.

Ireis à região onde é a raiz da luz,
para atirar os dardos:
águia amarela, tigre amarelo, serpente amarela,
coelho amarelo, veado amarelo.

Ireis à região onde é a raiz da morte,
para atirar os dardos:
águia azul, tigre azul, serpente azul,
coelho azul, veado azul.

Ireis à região das sementes húmidas,
para atirar os dardos sobre a terra florida:
águia branca, tigre branco, serpente branca,
coelho branco, veado branco.

Ireis à região dos espinheiros bravos,
para atirar os dardos sobre a terra violenta:



águia vermelha, tigre vermelho, serpente vermelha,
coelho vermelho, veado vermelho.

E depois de atirar os dardos e atingir os deuses,
o amarelo, o azul, o branco, o vermelho,
águia, tigre, serpente, coelho, veado —
colocai sob a sua protecção
os veladores do deus antigo — o deus do tempo.

## HINO A NOSSA MÃE

A divindade posta sobre os cactos sumptuosos:
nossa mãe, borboleta de obsidiana.

Ei-la, terrível, nas nove planícies, devorando
corações de veados.

Tu és a nossa mãe, ó rainha terrestre:
com tuas plumas novas e tua argila fresca.

E quebraram-se as flechas nos quatro orientes:
rainha súbito transfigurada em corça.

E viemos para ver-te por sobre os campos áridos.



## NASCEMOS PARA O SONO

Nascemos para o sono,
nascemos para o sonho.
Não foi para viver que viemos sobre a terra.
Breve apenas seremos erva que reverdece:
verdes os corações e as pétalas estendidas.
Porque o corpo é uma flor muito fresca e mortal.

## CELEBRAÇÃO DA CIDADE DO MÉXICO

Estende-se a cidade em círculos de esmeralda:
extraordinária México, ó plumagem ardente.
Por toda a parte passam em barcos os guerreiros,
através da nação, como uma bruma florida.

Aqui é o teu lugar, ó ser que dás a vida.
Aqui é que se ergue o teu grande louvor,
através da nação, como uma bruma de pétalas.

Brancos salgueiros e gladíolos brancos — cidade
do México.
Desdobra as tuas asas, ó garça real azul.

Desdobra as tuas asas e a tua cauda redonda,
porque vives na cidade como uma verdade
profunda,
como neve florida.



## *HINO ÓRFICO À NOITE*

*(Grécia)*

Cantarei a criadora dos homens e deuses — cantarei a Noite.
Noite, fonte universal.
Ó forte divindade, ardendo de estrelas, Sol negro,
invadida pela paz e o tranquilo e múltiplo sono,
ó Felicidade e Encantamento, Rainha das vigílias, Mãe do sonho,
e Consoladora, onde as misérias repousam as campânulas de sangue,
ó Embaladora, Cavaleira, Luz Negra, Amiga Geral,
ó Incompleta, alternadamente terrestre e celeste,
ó Arredondada no meio das forças tenebrosas,
leve afastando a luz da casa dos mortos e de novo te afastando tu própria.
A terrível Fatilidade é a mãe de todas as coisas,
ó Noite Maravilhosa, Constelação Calma, Ternura Secreta do Tempo,
escuta, ó Indulgente Antiga, a imploração terrena,
e aparece com teu rosto obscuro e lento no meio dos vivos terrores do mundo.

# TRÊS CANÇÕES DO ÉPIRO

## CANÇÃO DA LARANJA VERMELHA

Disseram-me que estás doente, laranja vermelha.
Estás doente da garganta, e eu estou mal da
cabeça.
— Sobre as lajes em volta da igreja,
estavam sentadas três raparigas,
atando os cabelos com fitas verdes.
Três túmulos se abriram e deles saíram
três belos rapazes.
Ó coração doloroso, consola-te a ti mesmo —
dores iguais a essas já o mundo viu muitas.
Coração doloroso que não estás só no mundo.

— Quem viu a árvore de cor verde?
— Rapariga dourada de olhos sombrios.
— Coberta de lindas folhas de prata.
— De olhos sombrios e sombrias sobrancelhas.
— Com ouro acumulado lá no cimo.
— Raparigas em lágrimas.
— E aos pés uma fonte fria, fria.
— Onde a sede faz perder toda a memória.
— Sobre a água me inclinei para beber água fria.
— Oh, o amor que me queima,
— Para beber água fria, para tirá-la com as mãos.
— Pudessem os meus lábios tocar os olhos sombrios.
— Lenço bordado de seda, caiu-me o lenço na fonte da água fria.
— Toda a minha alegria, lenço bordado de seda.
— E lá longe onde o bordaram
cantavam belas raparigas,
muito jovens, muito belas, três raparigas virgens,
cantando, semelhantes às cerejas de maio.





Se houvesse degraus na terra e tivesse anéis o céu,
eu subiria os degraus e aos anéis me prenderia.
No céu podia tecer uma nuvem toda negra.
E que nevasse, e chovesse, e houvesse luz nas montanhas,
e à porta do meu amor o ouro se acumulasse.

Beijei uma boca vermelha e a minha boca tingiu-se,
levei um lenço à boca e o lenço fez-se vermelho.
Fui lavá-lo na ribeira e a água tornou-se rubra,
e a fímbria do mar, e o meio do mar,
e vermelhas se volveram as asas da águia
que desceu para beber,
e metade do sol e a lua inteira se tornaram vermelhas.

Maldito seja quem atirou uma maçã para o outro mundo.

Uma maçã, uma mantilha de ouro e uma espada
de prata.
Correram os rapazes à procura da espada,
e as raparigas correram à procura da mantilha,
e correram, correram as crianças à procura da
maçã.



# POEMAS ZEN

Para poder caminhar através do infinito vazio,
a vaca de aço deve transpirar.

*

A verdade é como um tigre que tivesse muitos
cornos,
ou então como uma vaca a que faltasse o rabo.

*

De tarde, o galo anuncia a aurora,
brilha o sol vivamente à meia-noite.

*

As palavras não fazem o homem compreender,
é preciso fazer-se homem para entender as palavras.

*

Se tirares água, pensarás que as montanhas se
movem;
se levantares o véu, verás a fuga das falésias.

*

Cantam à meia-noite os galos de madeira,
e os cães de palha ladram para o céu límpido.

*

Se acaso vires na rua um homem iluminado,
não o abordes com palavras, não o abordes com
silêncio.

*

Conduz o teu cavalo sobre o fio de uma espada,
oculta-te como puderes no meio das chamas.

*

Há tantos anos vive o pássaro na gaiola
que pode hoje voar por entre as nuvens.

*

Quando o peixe se move, turvam-se as águas;
quando o pássaro voa, uma pena.

*

No fundo das montanhas está guardado um tesouro
para aquele que nunca o procurar.



*

As colinas são azuis por elas mesmas;
por elas mesmas, brancas são as nuvens.

*

Sentada calmamente sem coisa alguma fazer,
aparece a primavera, e cresce a erva.

*

Os rochedos levantam-se no céu,
o fogo brilha no fundo das águas.

*

Colhe flores, e as tuas vestes ficarão perfumadas;
tira água, e a lua estará nas tuas mãos.

*

O vento pára, as flores caem, um pássaro canta
— a montanha conserva o seu mistério.

# O MISTÉRIO DE AMEIGEN

*(Irlanda)*

Eu sou o vento que sopra à flor do mar,
sou vaga do mar,
o bramido do mar.
Sou o boi das sete lutas,
ave de rapina sobrevoando as falésias,
e dardo solar.
Eu sou o que navega, o inteligente.
Javali sangrento.
Lago na planície violenta.
Sou palavra de ciência.
Espada viva abrindo a noz das armaduras.
Eu sou o deus que implanta o fogo na cabeça,
e espalha a luz pelas montanhas,
e que anuncia as idades lunares,
e ensina ao sol onde morrer.

# ORAÇÃO MÁGICA FINLANDESA
# PARA ESTANCAR
# O SANGUE DAS FERIDAS

Pára, sangue, de correr,
de ressaltar aos borbotões,
de me inundar como torrente,
de me brotar sobre o flanco.
Como contra uma parede,
imóvel como uma sebe,
lírio marinho direito
como espadana na espuma,
como pedra no talude
e o recife na corrente.

Sangue, sangue, se o desejo
te faz correr com tal força,
circula dentro da carne,
abraça-te aos ossos vivos.
Belo, belo que é correr
na obscura pele compacta,
sussurrando nas artérias,
murmurando contra os ossos.
Pára, sangue, de correr
sobre a fria terra morta.
Não corras, leite, no chão,
sangue inocente no vale,

beleza humana entre a erva,
oiro de heróis na colina.
Desce fundo ao coração,
bate surdo nos pulmões,
desce, desce fundamente
aos órgãos vivos do corpo.
Não és rio que se escoe,
nem calmo lago parado,
nem fonte que brote assim,
nem barca velha com rombos.



## *CANÇÃO ESCOCESA*

«Porque escorre o sangue pela tua espada,
Eduardo, Eduardo?
Porque escorre o sangue pela tua espada,
e porque estás tão triste, oh?»
«Oh, porque matei o meu melhor falcão,
minha mãe, minha mãe,
oh, porque matei o meu melhor falcão,
e no mundo não há outro nenhum assim, oh!»

«O sangue do teu falcão não era assim tão vermelho,
Eduardo, Eduardo,
o sangue do teu falcão não era assim tão vermelho,
porque me mentes, oh?»
«Oh, porque matei o meu corcel ruão,
minha mãe, minha mãe,
oh, porque matei o meu corcel ruão,
que era delgado e tão ágil, oh!»

«Esse corcel era velho e possuis outros corcéis,
Eduardo, Eduardo,

esse corcel era velho e possuis outros corcéis,
porque me mentes, oh?»
«Oh, foi meu pai quem eu matei,
minha mãe, minha mãe,
oh, foi meu pai quem eu matei,
que a maldição me cubra para sempre, oh!»

«Que penitência farás pelo teu crime,
Eduardo, Eduardo?
Que penitência farás pelo teu crime,
dize-me, ó filho, oh?»
«Embarcarei para longe, bem longe,
minha mãe, minha mãe,
embarcarei para longe, bem longe,
irei por sobre as águas do mar, oh!»

«E os teus castelos e torres, que é que deles farás,
Eduardo, Eduardo?
E os teus castelos e torres, que é que deles farás,
que eram tão altos, tão belos, oh?»
«Que fiquem de pé, e que tombem depois,
minha mãe, minha mãe,
que fiquem de pé, e que tombem depois,
e no mundo não reste nenhum sinal, oh!»



«Que deixas a tua mulher, e que deixas aos teus filhos,
Eduardo, Eduardo?
Que deixas a tua mulher, e que deixas aos teus filhos,
se te aventuras ao mar, oh?»
«Deixo-lhes a terra toda para que nela mendiguem,
minha mãe, minha mãe,
deixo-lhes a terra toda para que nela mendiguem,
minha mãe, minha mãe,
que nunca mais os verei, oh!»

«E que deixas tu à tua mãe extremada,
Eduardo, Eduardo?
E que deixas tu à tua mãe extremada,
que fica sem ti, oh?»
«A maldição do inferno, eis agora o que te deixo,
minha mãe, minha mãe,
a maldição do inferno, eis agora o que te deixo,
que o meu crime é o teu, oh!»

# QUATRO POEMAS ÁRABES

## DIVISA

Conhecem-me os cavalos e a noite e os desertos traiçoeiros e a guerra e as feridas e o papel e a pena.

(*Al-Moutanabbi*)

## ORNATOS

O vinho cor-de-rosa é bom, ó companheiros.
Sim, eu voltei, e melhor do que o vinho é o
regresso.

Dai-me esse vinho antigo no seu vestido de vidro,
jacinto flamante no interior de uma pérola.

Cinzela nele a água ornatos cor de prata,
ramalhete de círculos evanescentes

que me livraram, eles, das chamas do inferno —
o que não posso negar e humildemente agradeço.

*(Ibn Al-Mou'tazz)*



## DECEPÇÃO

Disseram que a minha Layla vive em Tayma',
quando os barcos do estio aí lançam as âncoras.

Eis porém que se esgotaram os meses de verão.
Porque a arrasta o exílio de lugar em lugar?

*(Djamil)*

## TUDO O QUE É NOVO É BELO

De tudo o que é novo nasce um novo prazer,
mas eu sei que não é boa a jovem morte.

Ela fere pelas costas, e não é doce como o açúcar,
nem é como o vinho, nem como o sumo das uvas.

(*Al-Houtay'a*)



# *POEMAS ARÁBICO-ANDALUZES*

## A LEITURA

Meus olhos resgatam o que está preso na página: o branco do branco e o preto do preto.

(*Ben Ammar*)

## A NOZ

É uma envoltura formada por duas peças maravilhosamente unidas: pálpebras que o sono fecha.

Quando as separa uma faca, surge uma pupila que o esforço de olhar torna convexa.

E o interior é comparável ao interior de uma orelha, com suas pregas e esconderijos.

(*Abu Bakr Muhammad Al-Qutiyya*)



## A BERINGELA

É um fruto de forma esférica, gosto vivo, alimentado nos jardins pela abundância das águas.

Cingido pela capa do pecíolo, é um coração encarnado de cordeiro nas garras de um abutre.

(*Ben Sara*)

## O DEDAL

Dedal dourado como o sol: todo se ilumina, se lhe bate a luz de uma estrela.

Modelou-o o ourives com esmero, até o tornar vivo como o próprio ouro.

É um pequeno capacete picado pelas lanças, a que um golpe de espada tivesse arrancado o elmo.

(*Abu-L-Abbas Ahmad Ben Sid*)



## A AÇUCENA

As mãos da Primavera edificaram, no cimo dos caules, os castelos da açucena;

castelos com ameias de prata onde, em volta do Príncipe, os guerreiros empunham espadas de oiro.

(*Ben Darrach Al-Qastalli*)

## A LUA

A lua é um espelho empanado pelo hálito das raparigas.

E a noite veste-se com o seu brilho como a negra tinta se veste com o papel branco.

*(Ben Burd El Nieto)*



## O RIO

Belo deslizava o rio no seu leito, e melhor seria nele mergulhar a boca do que mergulhá-la numa boca de mulher,

curvado como uma pulseira, rodeado pelas flores como uma Via-Láctea.

Estreitava-se às vezes até parecer um pesponto de prata numa túnica verde.

Cercavam-no os ramos como pestanas em volta de uma pupila garça.

O vento batia nos ramos, ondulava o ouro do crepúsculo sobre a prata da água.

Enquanto na margem eu distribuía vinho dourado cujo reflexo mordia as mãos dos convivas.

*(Ben Jafacha)*

## O NADADOR NEGRO

Nadava um negro num lago, através de cujas límpidas águas se viam as pedras do fundo.

Tinha o lago a forma de uma pupila azul de que o negro era a menina do olho.

*(Ben Jafacha)*



## CAVALO ALAZÃO

Era um cavalo alazão, e à sua volta a batalha acendia-se como um tição de coragem.

As crinas eram cor da flor da romãzeira e as orelhas tinham a forma das folhas de mirto.

No peito, ao meio da cor vermelha, abria-se uma estrela branca, como as bolhas claras que nascem numa taça de vinho rubro.

*(Ben Jafacha)*

## OS JARROS

Pesados eram os jarros, mas quando os encheram de vinho puro,

tornaram-se leves, e quase levantaram voo com sua carga preciosa, do mesmo modo que os corpos se aligeiram com os espíritos.

*(Idris Ben Al-Yaman)*



## CAVALO BRANCO

Alvo como luz quando o sol se levanta — orgulhoso avançava, ajaezado com a sela de ouro.

Vendo-o caminhar atrás de mim para a guerra, disse alguém:

«Quem pôs bridas à aurora com as Pléiades e selou o relâmpago com o crescente lunar?»

*(Abu Salt Umayya)*

## BOLHAS

Quando o encheram de vinho, inflamou-se o jarro, vestindo-se com uma túnica de chamas.

E maravilharam-se os olhos, quando ao de cima vieram as bolhas:

Granizo sobre vivas chamas, granizo que nascia do próprio coração das brasas.

(*Abu Zakariyya*)



## A BARCA

Lá vem a barca como um nadador de pernas rígidas, rápida como um falcão que se abate sobre um peixe-voador.

Parece também uma pupila que contempla o ar, as pálpebras cercadas pelas pestanas dos remos.

(*Abu-L-Hachchach Al Munsafi*)

## ROSAS

Desfolharam-se as rosas sobre o rio e, passando, espalharam-nas os ventos,

como se o rio fosse a couraça de um guerreiro rasgada pelas lanças, por onde corresse o sangue das feridas.

*(Ben Al-Zaqqaq)*



## RIO AZUL

Múrmuro, um rio de pérolas corre transparentemente.

Grandes árvores o cobrem de sombra ao meio-dia, e a flor das águas é cor de ferrugem.

Guerreiro com loriga, envolto em sua túnica de brocado, estendido à sombra da bandeira.

*(Muhammad Ben Galib Al-Rusafi)*

## CENA DE AMOR

Enquanto a noite arrastava a cauda negra, dei a beber à minha amada vinho sombrio como pó de almíscar.

E estreitei-a contra mim como um guerreiro estreita a espada, e as suas tranças pendiam como talins dos meus ombros.

E, quando levemente adormecida, afastei-a de mim.

Afastei-a do meu peito, para que não adormecesse sobre uma almofada palpitante.

(*Ben Baqi*)



## A CEGONHA

Emigrante de outras terras, que anuncia o tempo,

que desdobra as asas de ébano, e despe o corpo de marfim, e ri claro com bico de sândalo.

(*Galib Ben Ribah Al-Hachcham*)

## BOLHAS

Troca-me a prata pelo oiro do vinho — digo eu ao copeiro. — Dá-me vinho novo.

Vinho para a minha dor. E logo ao cimo sobrenadam, como espuma, as bolhas:

brancos dedos de um bebedor petrificado, na mão retendo eternamente a sua taça.

(*Ubada Ben Ma Al-Sama*)



## VISITA DA MULHER AMADA

Vieste um pouco antes de soarem os sinos cristãos, quando o crescente lunar se abria no céu,

como a branca sobrancelha de um velho ou a curva delicada de um pé.

E, apesar da noite, o arco-íris brilhou no horizonte, o arco de múltiplas cores, cauda enorme de pavão.

(*Ben Hazm*)

CANÇÕES DE CAMPONESES
DO JAPÃO

ARROZAL DE MADRUGADA

Às quatro da manhã, arranco
ervas daninhas do arrozal.
Mas que é isto: orvalho do campo,
    ou lágrimas de dor?

## LÍRIO

O corpo deitado do meu amante,
vi-o eu esta manhã:
na planície do quinto mês,
um lírio aberto!



## AS TRÊS CLARIDADES

A Lua a leste,
a oeste as Pléiades,
o meu amado
ao meio.

## AMOR MUDO

Ardendo de amor, as cigarras
cantam: mais belos porém são
os pirilampos, cujo mudo amor
lhes queima o corpo!



## *QUINZE HAIKAIS JAPONESES*

Ervas do estio:
lugar onde os guerreiros
sonham.

*

Um cuco
foge ao longe — e ao longe,
uma ilha.

*

Primeira neve:
bastante para vergar as folhas
dos junquilhos.

*(Bashō)*

*

Libélula vermelha.
Tira-lhe as asas:
um pimentão.

*(Kikakou)*

*

Pimentão vermelho.
Põe-lhe umas asas:
Libélula.

*(Correcção de Bashô)*

*

Pelo meio do arrozal
vou até à ameixieira —
para ver o seu perfume.

*

Pirilampos
sobre o espelho da ribeira.
Dupla barragem de luz.

*

Festa das flores.
Acompanhando a mãe,
uma criança cega.

*(Kikakou)*

*

Casa sob as flores brancas.
Onde bater?
Mancha sombria da porta.

*(Kyorai)*



*

Crescente lunar.
O tubarão esconde a cabeça
debaixo das vagas.

*(Shikô)*

*

A lua deitou sobre as coisas
uma toalha de prata.
Azáleas brancas.

*

Monte de Higashi.
Como o corpo
sob um lençol.

*(Ransetsou)*

*

Caracol,
lento, lento, lento — sobe
o Fouji.

*

Um cuco
cuja voz se arrasta
sobre as águas.

*(Issa)*

*

Ah, o passado.
O tempo onde se acumularam
os dias lentos.

(*Busson*)



# *POEMAS INDOCHINESES*

*Uma Rapariga*

Sou como uma peça de seda cor-de-rosa,
ondulando no mercado.
Não sei em que mãos irei cair.

Meu corpo é como um poço aberto no meio do
caminho;
nele alguns lavam o rosto,
lavam nele outros os pés.

Tivesse este rio uma medida de largo,
que eu faria uma ponte, amigo, com um cordão
do meu corpete.

*Um Rapaz*

Rapariga que levas água com um balancim de
junco,
dá-me um balde dessa água para regar o plátano.

Sobre o plátano mais belo, sobre o plátano mais verde,
a fénix virá pousar.

Amo-te, primeiro por teus cabelos em rabo de galo.
Segundo, amo-te pelo modo como falas.
Terceiro, amo-te por causa do teu rosto admirável.
Quarto, amo-te pelos teus vestidos, que são da cor do teu rosto.
Quinto, amo-te porque trazes ganchos nos cabelos e trazes na mão um leque da China.
Sexto, amo-te por causa dos teus cabelos verdes.
Sétimo, amo-te porque teus pais um dia te puseram no mundo.
Oitavo, amo-te por causa dos teus olhos de fénix que me olham profundamente.
Nono, amo-te porque vamos estar unidos um ao outro.
E amo-te, em décimo lugar, porque é a mim ùnicamente que te desejas unir para sempre.



## UMA RAPARIGA RESPONDE A PERGUNTAS

Cresce o bambu ao lado do pagode.
O búfalo sai de manhã à procura de alimento.
Quando nasce, o nabo é muito pequeno.
Canta o galo no pátio dos Três Palácios.
A candeia é mais fresca e mais bela do que a flor.
Teu rosto é vermelho como a pele do sol.
Para edificar o templo é que serve esta madeira.
A prece do bonzo deve ser murmurada noite e dia.
A pimenta é pequena e ardente.
Embora minúscula, é hábil a moeda à porta do juiz.
Mascando bétel, pode criar-se a união.
Serei talvez pouco bela, mas melhor do que as fadas da montanha.

*CANÇÕES INDONÉSIAS*

Perdi uma pérola na erva.
Pérola perdida que guarda o seu secreto oriente.
— O amor àquela que amo um dia se perderá:
pérola de orvalho que morre e que fulgura.

Formigas vermelhas no bambu vazio, vaso
repleto de essência de rosas —
se a luxúria enche o meu corpo fundo,
apenas minha amada o pode esvaziar.



Ouve-se a água bater no coração do coco verde,
e enquanto amadurece, o dúrio guarda os seus
segredos.
Eu sei porque te quero em minhas mãos,
mas tu ignoras porque te queres em minha boca.

Abre o fruto de odor inquietante,
e nunca, nunca mais te poderás saciar.
Os caroços escorregam como ovos debaixo de teus dedos.
O sumo é forte e doce como o alho e o leite.



Aos milhares voam os pombos,
um apenas vem pousar na minha cerca.
— Eu queria morrer na ponta da tua unha,
queria ser enterrado na palma da tua mão.

Se até vós subir o movimento das águas,
querereis um com o outro vos banhar?
— E se até vós subir o movimento da morte,
querereis um com o outro vos banhar?



## *CANÇÃO DA CABÍLIA*

Leve, aparece na dança —
e ninguém lhe sabe o nome.
Vai e vem entre os seus peitos
um amuleto de prata.

Mergulha fundo na dança.
Tilintam em seus artelhos
muitas argolas de prata.

— Foi por ela que vendi
um pomar de macieiras.

Ela cai dentro da dança,
e abrem-se ao meio os cabelos.

— Foi por ela que vendi
o meu olival antigo.

Vai até ao centro da dança.
Cintila, vivo, um colar.

— Foi por ela que vendi
o meu campo de figueiras.

E no coração da dança
todo um sorriso a enflora.

— Foi por ela que vendi
um milhão de laranjeiras.



# *CANÇÕES MALGAXES*

A terra é um palácio que olha para cima,
o céu é um palácio que olha para baixo.
— Passarei por cima de todas as águas,
em busca da mulher sete vezes tão bela.
E se o rei se diverte com as suas terras todas,
eu divirto-me feliz com as filhas dos homens.

Tem o irmão primogénito um odor vivo de fruta,
e o mais novo tem um fresco aroma de folhas,
e há na casa talvez como que um cheiro de Rei?
— Não, é o amor que tenho pelo meu amado
que espalha pela casa como que um cheiro de Rei.



És um fruto dourado, uma banana madura.
Se uma borboleta te roça,
eu não me afasto de ti.
— Todo aquele que morre por amor da sua amada
é um pequeno caimão que a própria mãe mastiga,
e que regressa ao ventre de que tem toda a ciência.

Rescende a colina à salva,
cheira a cebola ao limão.
— Sinto o perfume da amada:
por ele daria o mundo.
Toda a palavra de amor
é como um grande repasto.



Se é para ti,
sou o ovo de cotovia à beira do caminho.
Se é para outro qualquer,
sou o pequeno pássaro que dorme numa ilha longínqua.

Não há raiz da vida,
mas é o amado que é raiz da vida.
— Quando soube que tu vinhas, o meu ventre
se rasgou.
Não o esfreguei com óleo,
nem sei como receber-te.
Serei o arrozal perto da fonte,
que nem o vento dobra quando passa,
nem queima o sol que se despenha em cima.



Subiu a rapariga para cima da amoreira,
e ao cimo do limoeiro subiu o homem também.
Uma aranha os enlaçou, e tudo aquilo que é belo
não deixa que se separem.

Tu eras na floresta um cardeal vermelho,
a tua cor de aqui é a cor da cotovia.
As mulheres dos outros homens são corais
espalhados sobre a esteira.
Gostam os olhos de vê-los.
As mãos não os podem tocar.



Rapariga sòzinha na ilha, rapariga
suave durante o estio, brilhante
e macia rapariga durante toda a primavera.
— Não estrago minhas mãos com os trabalhos
pesados,
não saio à rua pelo sol violento,
não saio à rua
enquanto o dia se não curva, doce.
E não me banho com a água parada da bilha.
Banho-me nas móveis e secretas águas
das minhas próprias lágrimas.

CANÇÃO TÁRTARA

O rosto da minha amada cobriu-se de sangue.
A cabeça do falcão cobriu-se de sangue.
Soprou o vento e desatou-se uma madeixa de
cabelo —
uma madeixa o roçou, e o rosto cobriu-se de
sangue.

Construí uma casa, e era tudo num sonho.
Uma casa contra o mundo.
— A ponta do meu bordão era tão frágil, tão
frágil:
a noite — a nossa noite — era perigosa e alta.

Eu morro porque olhei sempre sempre o meu
caminho.
Porque olhei para a direita e porque olhei para a
esquerda.
Nem tu nem eu pelo tempo deixaremos
de olhar e olhar para o nosso caminho.

Transmudaram-se as águas em cavalos,
e das mãos nascia o vinho como dedos.
Bebi até ao fundo da minha dor,
e ela cresceu, cresceu, ainda mais forte que o
vinho.



# *CINCO POEMAS ESQUIMÓS*

Levanto-me da cama com gestos
semelhantes aos golpes de asa
de um corvo rápido.
Levanto-me
para saudar o dia.
Uá, uá!
Minha face afasta-se das trevas da noite
e olha para a aurora
que se abre.

O grande fluxo do oceano põe-me em movimento,
faz-me flutuar.
Flutuo como a alga à superfície das águas.
E a abóbada celeste abala-me e o ar violento
abala o meu espírito
e atira-me sobre a poeira.
E eu tremo de alegria.



Os mortos que sobem ao céu,
por degraus sobem ao céu,
por velhos degraus já gastos.
Todos os mortos que sobem ao céu
por degraus gastos,
gastos ao contrário,
gastos por dentro,
sobem ao céu.

Vejo aproximarem-se os brancos cães da aurora:
— Alto!, que vos amarro ao meu trenó de gelo!



I

Espírito do ar, vem,
vem depressa.
O invocador te chama.

Vem, e purifica esta terra.
Espírito do ar, vem,
vem depressa.

Levanto-me:
é no meio dos espíritos que eu me levanto.
Os invocadores me protegem,
conduzem-me por entre os espíritos.

Criança, criança, grande criança,
levanta-te e vem,
grande criança, pequena criança,
aparece entre nós.

II

Quero visitar uma mulher estrangeira,
quero desvendar os enigmas do homem.
Desato as correias das minhas botas,
procuro no homem e
procuro na mulher.
No rosto das mulheres desfaço as rugas.

Caminhei ao longo dos gelos marinhos,
e as focas sopravam de dentro dos buracos.

Escutei maravilhado o canto do mar
e o gemido claro dos jovens gelos.

E um espírito antigo traz agora o poder
à casa das danças.



*POEMAS*
*DOS PELES-VERMELHAS*

## CANÇÃO DE AMOR

Esta mulher é formosa
como uma flor da montanha,
mas é fria, fria, e é fria
como a margem de neve
onde fria floresce.

## A PUBERDADE

Sai depressa, depressa.
Já quase morrem esta noite os ecos.

Mulher virgem, mulher virgem não tem sono.
Vela, vela, através da noite.

Áspero e gigante, o cacto despedaçado:
e minhas penas caídas elevam-se no ar,
mais alto que o cume do monte da Mesa.

E eis que o jovem moveu as pedras sonoras,
e a mulher ouviu, e não pôde dormir.
E partiram-se as unhas de meus pés.

Quando eu passava, tombaram os ramos da noite,
e quebraram-me as penas.



## A OBSCURIDADE

Esperamos na obscuridade.
Vinde, vós que escutais, vinde
saudar-nos na viagem nocturna:
nenhum sol agora brilha,
nem luz agora nenhuma estrela.
Vinde, ó vós, mostrar-nos o caminho:
que a noite secreta é inimiga,
a noite que fecha as próprias pálpebras.
E eis como a noite inteiramente nos esqueceu.
E esperamos, esperamos, na obscuridade.

## RITUAL DA CHUVA

Desde os tempos antigos,
        vem a chuva,
        vem a chuva comigo.
Da montanha de Água,
de seus cumes altíssimos,
        vem a chuva,
        vem a chuva comigo.

Entre a luz dos relâmpagos,
relâmpagos que brilham,
fulmíneos relâmpagos,
        vem a chuva,
        vem a chuva comigo.

Entre as andorinhas,
andorinhas azuis
que gritam, que gritam,
        vem a chuva,
        vem a chuva comigo.

Atravessando o pólen,
o pólen sagrado,
vestida de pólen,



        vem a chuva,
        vem a chuva comigo.

Desde os tempos antigos,
        vem a chuva,
        vem a chuva comigo.

# PINTURA NA AREIA

Para curar-me, o feiticeiro
pintou tua imagem
no deserto:
areia de oiro — teus olhos,
areia vermelha — a tua boca,
areia azul para os cabelos,
e branca, branca areia, para as minhas lágrimas.

Pintou durante o dia, e tu
crescias como uma deusa
sobre a imensa tela amarela.
E pela tarde o vento dispersou
tua sombra colorida.
E, como sempre, na areia nada
ficou senão o símbolo de minhas lágrimas:
areia prateada.



# AS ESTRELAS

«Somos estrelas que cantam,
cantamos a nossa luz.
Somos as aves de fogo
por sobre os campos celestes.

A nossa luz é uma voz
que abre caminho aos espíritos.

Entre nós três caçadores
seguem o rasto de um urso.
Não há memória de tempo
em que os três o não caçassem.

Vemos lá em baixo as montanhas.»

Esta é a canção das estrelas.

## CANÇÃO DE AMOR

Levantei-me cedo, cedo — e era azul
toda a manhã.
Porém, o meu amor já havia partido:
— já tinha atravessado as grandes portas da
aurora.

No monte Papago a presa na agonia
olhou-me
com os olhos da minha amada.



## A YUCCA

Mesmo diante da casa, no alto
daquela montanha,
cresce a flor da yucca —
vibrante tocha dos deuses.
É a sua luz que me cega.
É a sua luz que é mais alta
do que eu sobre um cavalo.

E não se rasga no vento, balançando
as suas ancas.
Sob o peso das estrelas, muitas vezes
estremece. «Porque sou assim tão grande,
assim tão só? Ha-ha! Ué!»

«E a dormideira e a alfazema devagar
se acariciam. Porque sou assim tão grande,
tão exposta à solidão? Ha-ha! Ué!»
Mas, no meio da manhã, ela cresce
mais ainda.

Como a flor da yucca, tu também
— alta, intacta.

Tocha dentro dos meus sonhos, cada vez
mais no espaço.
— E a minha mão mal te roça.

DONS DO AMANTE

Sobre a tua cabeleira hei-de pôr, para as núpcias,
uma coroa de borboletas, com suas
asas pintadas.

Terás de volta ao pescoço flores de abóbora,
em prata,
e a lua que para ti noites e noites forjei.

Andarás pelo povo sobre um cavalo em turquesa.
Um cavalo ardente e leve, animado
pelo meu fogo de amor.

E a teus pés eu lançarei uma pedra quente
quente:
o coração onde correm
milhões de gotas de sangue.

*1961-66.*

ÍNDICE

Este livro foi composto
e impresso para a
PORTUGÁLIA EDITORA
na Tipografia Rios & Irmão, L.da
Santa Maria de Lamas

*Março de 1968*

antologias universais

de obras-primas

de

| | |
|---|---|
| poesia | ensaios |
| conto | viagens |
| novela | crítica |
| teatro | sátira |